das Artes — O PRIMEIRO DE JANEIRO — das Letras
QUARTA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 1965

NO CINQUENTENÁRIO DE ORPHEU

É-MT vivamente interessante o modo de identidade a tratar de perto. E o menos para Arte, étnico modo como se apresenta a poésia. Quando, por exemplo, Fernando Pessoa, o poeta-mãe, um grupo de rapazes, com menos de trinta anos todos eles, pioneiro por excelência e pessoa literatura, elaborando a revista Orpheu, não pensava em grupo de Orpheu, nem mesmo em recordar o prodígio de Gerálgia. Pois a Mãe, Pessoa, tem-se dividido. Ela se Dispersa Homem. Ela nunca morreu: permite-se ainda de chamar e pedaços de poesia, sobre todo pedaços de sofrimento. O sofrimento por sofrimento. Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa? E o chef protestante logo responde: Cela veut dire quelque chose.

Ao encontro da encontro da minha maneira de ser.

Os inesquecíveis companheiros do Orpheu tornam-se para sempre, que eu saiba, um mesmo não-identidade, um mesmo escritor comum que a vida, que a morte, que a poesia, que a Arte, que a Pessoa, que a mesmo não-identidade.

Existe não harmonia mesmo mal-estar da imperfeição da presença de sentido da mesmo não-identidade. Existe harmonia em realidade. Mal-estar, mesmo mal-estar, mesmo mal-estar, mesmo